

Sociedade de Medicina

Sessão de posse da nova diretoria

Sob a presidência do Prof. Florencio Ygartua realizou a Sociedade de Medicina a sua última sessão ordinária do ano de 1939, tendo comparecido grande número de sócios.

Aberta a sessão o Sr. Presidente convidou para fazerem parte da mesa de trabalhos os Drs. J. Bonifacio Costa, D. D. Diretor do Departamento Est. de Saúde, e João Pita Pinheiro, um dos fundadores da Sociedade de Medicina.

Com a palavra o Sr. Presidente comunica á casa ter a Sociedade de Medicina encerrado, brilhantemente, mais um ano de trabalhos científicos, graças á colaboração eficiente dos seus sócios, que não pouparam esforços no sentido de tudo fazer para que o prestígio médico e científico do Rio Grande continue a ocupar o lugar que lhe pertence no cenário da Medicina Nacional.

A seguir o Sr. Presidente informa á casa que será empossada a nova diretoria que regerá os destinos da Sociedade durante o ano de 1940, integrada pelos Drs. Hugo Ribeiro, presidente; Jaci C. Monteiro, vice-presidente; Salvador Gonzales, secretário geral.

O presidente salienta os valores que compõem a nova diretoria e afirma ter plena certeza que ela continuará resoluto, no árduo labor, de elevar o nome da Medicina Riograndense e convida aos eleitos para virem ocupar os seus respectivos lugares na mesa de trabalhos.

As últimas palavras do Sr. Presidente foram abafadas por prolongada salva de palmas.

Com a palavra o Dr. Hugo Ribeiro, presidente eleito, disse:

“Prezados colegas.

Ao assumir a presidência da Sociedade de Medicina de Porto Alegre, em substituição ao distinto colega e amigo de muitos anos, Florencio Yguartua, eu vos agradeço, meus caros colegas, a alta distinção.

Bem sei que ao escolherdes o novo presidente, tivestes a preocupação de eleger um nome ligado, de há muito, á Sociedade e com um interesse grande pela sua vida e prosperidade.

Desde o dia em que abandonei os bancos acadêmicos e que nela ingressei, jamais me disinteressei, por sua sorte; e os presidentes, muitos dos quais ainda se acham entre nós, honrando a classe com sua cultura, inteligência, capacidade e conduta profissionais, sempre me tiveram a seu lado nas horas difíceis.

Si eu assim procedi, é porque não compreendo nossa capital, sem uma tribuna sempre pronta a receber o médico estudioso, para transmitir a seus pares, o fruto de suas observações sobre as cousas médicas, tão variadas, imprecisas em sua interpretação e cheias de problemas complexos a resolver.

Sou daquêles que pensam que as sociedades médicas são indispensáveis no ambiente profissional. E' nelas que os novos ouvem dos mais velhos, conceitos calcados na experiência de muitos anos e acabam por sentir a instabilidade daquilo, que, a primeira vista, lhe parecia imutável.

Sob a influência de seus mestres, aprendem a criticar com discernimento e elevação e em pouco tempo, já com a curiosidade científica despertada, correm aos hospitais para observar bem os fatos clínicos, ou nos laboratórios vão dedicar parte de seu tempo, com espírito elucidador e com a vontade de renovar.

Lá aprendem a admirar mais seus mestres, quando os vêem, com erudição e base sólida, discutir com seus pares, os problemas em questão.

Em pouco tempo a tribuna já lhes pertence, e chega então a vez do mestre — quando realmente é mestre — de vibrar de satisfação, com amor quasi paternal, ao ver seu discípulo inteligente, culto, demonstrando alma de médico, espírito investigador, conquistar reputação entre seus colegas e iniciar, quem sabe, uma notoriedade, para cujos alicerces êle tanto contribuiu. Mas, acima de toda essa sensação, está o interesse científico e o estímulo para a formação de homens de ciência, capazes de, nos congressos médicos ou na imprensa, elevar a classe a que pertencem.

Pôrto Alegre, capital sulina da nossa pátria, já é um centro médico. Seus hospitais particulares, grandes e bem instalados, estão sempre repletos de doentes, muitos dêles, vindo de bem longe. Já não existe aquêle exôdo de doentes do interior do Estado para as capitais platinas, em busca dos recursos médicos dos grandes centros. E' que em nossa Capital, êles já existem e é grande a reputação de nossa classe, no seio da população.

Não há, no entanto, entre o centro médico profissional, que é grande, relação com a produção científica que ainda é pequena. Isso devemos sentir e lamentar mas também corrigir, pois não vejo justificativa, que não seja a falta de estímulo, mal que vem de muito longe.

Lembre-mos que Pôrto Alegre é séde de uma universidade, com um número elevado de professores de Medicina e outro, não menor, de auxiliares de ensino, muitos dêles, com a ambição natural e nobilitante de algum dia serem professores titulares.

Não se compreende mais um professor de Medicina, que não seja um esforçado na produção científica, e tanto isto é verdade, que, na maior parte das grandes universidades, os professores são escolhidos, en

tre os capacidades, os de maiores títulos e tudo se faz para aumentar a produção.

Sigam todos o exemplo de alguns professores da nossa Faculdade que, se conduzindo como os grandes mestres da Medicina, colaboram nas sociedades médicas, comparecem aos congressos, têm seus nomes repetidamente citados nas revistas e que dão, com sua cultura, sua inteligência e com o prestígio da cátedra, o melhor de seus esforços á ciência, para, engrandecendo seu nome, honrar o seu título.

Um título de professor não se esconde entre as paredes de uma sala de aula para estudantes, êle acompanha a quem o possui, em toda a parte; e aquêlê que não ouve seus reclamos, não faz caso de seus protestos, confunde-se na mediocridade e torna-se pequeno por ter um título tão grande.

A nossa velha e amiga Santa Casa de Misericórdia, por onde tem passado o que de melhor existe em nossa classe, continúa sendo uma fonte inesgotável de recursos para os estudiosos das cousas médicas. Os lugares de diretor e assistentes de serviço são disputados. Não é justo que os que lá trabalham, fiquem mudos nas sociedades médicas e seus nomes não sejam vistos nas revistas, acompanhando trabalhos científicos. Não é justo que todas as curiosidades médicas, por êles observadas, fiquem avaramente, guardadas em suas memórias ou em seus arquivos particulares.

Tudo que de interessante fôr observado, deverá ser trazido para nossas sessões e discutido para que fique registrado, e, divulgado, possa auxiliar, mais tarde, aos colegas que tomam a si, a tarefa de estudar as questões mais variadas da patologia.

Ainda ha bem pouco, em uma sessão desta Sociedade, realizada em conjunto com a de higiene e saúde pública, em que esteve em ordem do dia o GRANULOMA VENERO, chamei a atenção para o fato, nada lisonjeiro para nós, de quasi não haver citação de casos dessa doença no Rio Grande, enquanto que nas revistas médicas das capitais platinas encontramos citações de doentes, vindos do interior de nosso Estado.

A minha grande vontade é vêr partir de nossa Sociedade, o estímulo para todos os médicos do Rio Grande, sobretudo para aquêles que dispõem de serviços hospitalares, de laboratórios ou dispensários. Será grande a satisfação, si as páginas de nossa revista se tornarem poucas para a produção. E aquêles que, por motivos particulares, não quizerem colaborar connosco, participando de nossas reuniões ou escrevendo em nossa revista, lembro que a imprensa médica de nosso país é numerosa e acolhedora; e si nêla colaborarem, poderão ficar certos, que minha satisfação será igual, porque o que desejo, é tão sómente que Pôrto Alegre, que já é um grande centro médico, seja também um centro científico.

Meus prezados colegas.

Fui por vós chamado para presidir as sessões da Sociedade de Medicina. Conferistes-me um título que dá relevo profissional e social. Eu o aceitei, conciente dos deveres que êle me impõe e da responsabilidade

que tenho perante vós. Pela sua prosperidade, tudo farei. Quanto a vós, meus caros colegas, não vos esqueçais que tendes também responsabilidade, perante mim, e sobretudo, perante nossa agremiação. Devemos trabalhar juntos, levados para o mesmo fim que é o prestígio da Sociedade de Medicina, para o bem da nossa classe.

Não vos posso dar agora, um programa administrativo; êsse tem que surgir a medida que os fatos se sucedam. Não me parece razoável estabelecer um programa e depois não poder cumpri-lo.

No entanto, já vos posso dizer uma aspiração que é a de estabelecer um círculo vicioso: chamar os expoentes da classe ás nossas sessões, para que elas se tornem mais interessantes; torná-las interessantes para que a elas todos compareçam. Tudo farei para que não haja sessão fraca e para isso estabelecerei ordem do dia, reunindo em uma mesma sessão, sòmente as comunicações que se enquadrem bem em determinado ramo da Medicina.

Não é razoável que um cirurgião, para ouvir uma comunicação que lhe interessa sôbre técnica operatória, seja forçado, por um dever de cortezia, a ouvir uma ou mais palestras sôbre oftalmologia e um oftalmologista a ouvir uma exposição sôbre um caso de pura clínica pediátrica.

Pretendo limitar o tempo para cada orador, lembrando que um homem ilustrado, para falar a colegas igualmente ilustrados, não necessita, em regra geral, mais de 20 minutos para dizer com clareza e precisão, o essencial de seu pensamento sôbre uma questão médica.

Tudo farei para que os trabalhos apresentados sejam discutidos com interesse grande e muita tolerância. Nesse sentido, lembro-vos as palavras de Sabouraud: "La discussion de tous les cas est indispensable. Un cas présenté qui est laissé sans discussion est une pierre que tombe dans un puits, et l'eau se referme. C'est un cas perdu."

Empenhar-me-ei para que as discussões se procedam com método, para que cada orador diga de uma só vez tudo o que tem a dizer sôbre o assunto em foco e que a discussão se encerre com a réplica do relator. Aos que comentam a comunicação a réplica deverá ser excepção. Quanto ás tréplicas, e sobretudo os diálogos, só servem para tornar deselegante uma discussão sôbre assunto de ordem científica. Afastemo-los de nossas sessões.

A divergência sôbre um motivo médico, é fato banal em uma sociedade e por mais que se prolongue a discussão, não se chega, de imediato, a uma conclusão. Só com o tempo é que se firma a verdade inofismável, do que hoje é discutível.

Conduzindo-se uma sessão com método e sabedoria, éla poderá ser publicada, quasi que na integra, em nossa revista; e os colegas do interior ou de outros Estados, poderão avaliar em suas salas de trabalho, de que modo aqui se trabalha e produz.

Com a fundação das diversas sociedades especializadas, como as de cirurgia, pediatria, higiene, etc. a Sociedade de Medicina enfraqueceu-se, e, por isso, não temos mais necessidade de reuniões semanais, como se fez até então. Tentar manter essa praxe, é contribuir para tirar o valôr de suas sessões.

Por assim pensar, sòmente duas vezes ao mês formarei programa pa-

ra sessões ordinárias e nos moldes estabelecidos, procurando, sempre que possível, fazer da segunda, um complemento da primeira. Dessa forma, para cada número da revista, teremos colaboração, bastante, sobre um mesmo ramo da Medicina, o que o tornará mais interessante a um determinado grupo de leitores, e cada grupo terá seu número.

Não quero com isso dizer, que não haja lugar para trabalhos científicos com descrições minuciosas, para obra completa sobre um determinado assunto. O que desejo é que não constem da ordem do dia de uma sessão ordinária, destinada á discussão de casos clínicos ou novidades médicas. Eles poderão ser apresentados nas duas sextas-feiras restantes ou publicados na revista, onde serão muito desejados.

Não devemos esquecer que há duas modalidades de trabalhos científicos. Uns, podem ser lidos em uma assembléia, prendendo a atenção de todos, quando tem habilidade o conferencista e o ambiente é propício; outros que só podem ser apreciados, quando lidos com atenção especial e repetidamente, no silêncio de uma sala de estudo.

Todos são interessante, a questão é a maneira de apresentá-los.

Antes de terminar de expôr essas aspirações, que não são um programa, faço aqui uma observação. Todos nós somos cortezes, temos a mesma vontade de não melindrar aos outros. Isso bem estabelecido, podemos dispensar as palavras, excessivamente lisongeiças. Não é nada elegante a troca de elogios. Em uma sociedade científica, as pessoas devem interessar muito menos que os factos. E' a esses, que devemos criticar, para que nos aproximemos o mais possível da verdade, que é base na ciência.

Eu vos tenho a declarar ainda, que, terminado o periodo administrativo para o qual fui eleito, não serei, sob pretexto algum, candidato á reeleição, como já é praxe em nossa sociedade. Não tomem essa minha vontade como um comodismo; é que sou contrário, salvo rarissimas excepções, a toda a espécie de reeleição. Não posso terminar esta oração, sem vos dizer da emoção que experimento, ao me sentar nesta cadeira, já ocupada por tantas expoentes da Medicina do Rio Grande. Vou substituir meu muito estimado colega e velho amigo dos tempos escolares e que, durante dois anos, presidiu nossas sessões com muito táto, e com dedicação, que todos nós reconhecemos e agradecemos, dirigiu os destinos da Sociedade.

Não pretende falar de todos os presidentes que por aqui passaram, cujas atuações vós bem conheceis. Vou referir-me, somente, a dois grandes homens, sem querer colocá-los em plano superior ao de seus antecessores ou sucessores; é porque influíram, fortemente, na minha formação médica. O primeiro é Octavio de Souza, clínico de primeira linha, dotado de um espírito crítico muito fino, trabalhador infatigável e amigo dos jovens médicos que o rodeavam em seu serviço hospitalar, tudo lhes ensinando e empenhando-se para transmitir a cada um, seu feitio clínico metuculozo e de médico profundamente prático. O outro é Annes Dias, uma das figuras mais brilhantes da Medicina nacional e um perfeito homem de ciência. Lembro-vos que foi nesta Sociedade que se iniciou e progrediu sua vida de cientista, que culminou com a conquista de um nome admirado e respeitado em todos os centros médicos do país e do estrangeiro.

Sua passagem por esta presidência é digna de menção. Nunca desanimou com o desinteresse de seus colegas mais velhos e de maior responsabilidade no meio profissional. Rodeado dos mais jovens, que se sentiam seus discípulos, as sessões por êle presididas eram interessantes, porque era êle o grande animador. Já que estou recordando, não posso deixar de evocar com muita saudade, o início da segunda fase de minha vida profissional, e levando meu pensamento além mar, vejo minha segunda escola, êsse velho casarão de parêdes escuras, obra prima da arquitetura franceza e monumento de ciência: o velho e tradicional hospital São Luiz de Paris, o Partenon da dermatologia como já foi chamado. E, atrás de suas parêdes, inelinicados sôbre os doentes ou professando no anfiteatro, sempre cercados por médicos dos mais diversos recantos do mundo, revejo aquêles homens dedicados e sábios que fazem o prestígio da escola de S. Luiz, sobretudo meus tres grandes mestres prediletos: Sabouraud, Ravaut e Milian, cujos nomes pronuncio com muita admiração e profundo respeito.

Minhas últimas palavras, meus amigos, são para vos agradecer pelos magníficos companheiros de diretoria que me dêstes, os ilustres colégas e amigos, Jacé Monteiro e Salvador Gonzales. Juntos, e com colaboração inteligente de todos vós, saberemos vencer os obstáculos que encontrarmos pelo caminho."

Após, o Sr. Presidente, comunicou á casa ter completado a diretoria e empossado nos seus respectivos cargos os 1.º e 2.º secretários, tesoureiro e bibliotecário, Drs. Rubens Maciel, Alfredo Hofmeister, Antero Sarmento e Luiz Barata respectivamente. A direção dos "Arquivos Rio Grandenses de Medicina", órgão oficial da Sociedade, ficou assim constituída: Comissão Científica: Drs. Nino Marsiaj, Martim Gomes e Raul Moreira; Secretário da Redação: Dr. Rubens Maciel e Gerente, Sr. Almanzor Alves.

Fala o Dr. CARLOS CARRION

As palavras que acabais de proferir perante esta Assembléia, traduzem, perfeitamente, a vontade que tendes de trabalhar para o constante progresso da Sociedade de Medicina.

E' de fato, fazendo cousas novas, atendendo o anseio de muitos, que se continuará a atrair os que ainda se encontram afastados do nosso convívio. Assim, aos poucos, a classe médica cerrará em torno da Sociedade de Medicina, por todos os títulos merecedora do nosso carinho e da nossa desinteressada dedicação.

E é nessa esperança, Sr. Presidente, e confiando em vossa ação dedicada, prudente e sábia, que nós vos saudamos, e, na vossa pessoa, também os demais membros da Diretoria que vem de ser empossada."

Em seguida foi encerrada a sessão.

RECEPÇÃO NA RESIDENCIA DO DR. HUGO RIEBIRO

Em sua residência, para onde se dirigiram os sócios presentes á sessão da Sociedade de Medicina, o Dr. Hugo Ribeiro foi saudado pelo Prof. Raul Moreira, que falou em nome da Sociedade de Medicina. Em rápido improvisado enalteceu a figura do Dr. Hugo Ribeiro, não só como pro-

fissional mas como cidadão, salientando a modestia de que sempre se cerca, a qual não impediu todavia, que o seu alto renome profissional se fosse cada vez mais consolidando. Terminou, dizendo da satisfação que os sócios da Sociedade de Medicina sentiam por ter por presidente uma das figuras que mais tem trabalhado para o engrandecimento da Sociedade.

Respondendo, o Dr. Hugo Rbeiro, assim se expressou: Meus colegas e amigos.

Não sei que palavras eu vos possa dizer, em resposta a essas tão delicadas, tão elegantes, expressivas de vossa grande bondade, que acabo de ouvir de vosso interprete, o meu muito prezado amigo Raul Moreira.

Todos vós sabeis que não sou dado a lides oratórias; e si neste instante aqui me tendes nesta atitude, é porque me lembro que, para fazer um agradecimento, basta haver um coração.

E' grande a satisfação que tenho em vos receber, hoje, neste recinto, que é o meu lar, onde reina a amizade e onde impera o respeito. E' aqui o lugar mais apropriado para vos dizer palavras amigas de reconhecimento.

Nós médicos, vivemos uma vida cheia de sensações desagradáveis, e, para neutralizá-las, procuramos sensações opostas, cultivando o que é bom e acariciando o que é belo. Temos que dar a nossos olhos o que de belo existe na natureza pródiga ou feito pela mão do artista, para apagarmos de nossa retina o que de feio e mesmo repugnante, vemos no exercício da profissão; temos que encher nossos ouvidos com os sons maviosos e sublimes da música, para abafarmos as queixas e os soluços que ouvimos nos lares de nossos doentes; temos que procurar, no salões da sociedade, um ambiente de alegria, para esquecermos o de tristeza do hospital; e na literatura, tão nossa amiga, companheira da adolescência, vamos buscar um pouco de fantasia e muita espiritualidade, para quebrarmos o ritmo no materialismo de nossa ciência.

E quando, já encanecidos, temos vivido uns lustres na profissão, necessitamos de alguma cousa mais que não esteja em nós, que venha de outrem: é a amizade de nossos colegas, são os aplausos pela nossa conduta.

Meus prezados amigos.

O vosso gesto, conduzindo-me á presidência da mais antiga sociedade médica do Rio Grande, coroado, hoje, com as palavras magnanimas de vosso interprete, eu o recebo com muita simpatia e muito sensibilizado, pois vejo nele, ao lado de uma imensa bondade, a vossa simpatia, e de qualquer modo, êle significa um aplauso á minha conduta profissional.

Sua lembrança, eu a guardarei, carinhosamente.

Sem poder botar bem a mostra tudo que se passa em meu coração, vou terminar estas poucas palavras.

Antes, porém, eu e minha familia, agradecemos esta bôa visita e fazemos votos, em vésperas de novo ano, pela vossa prosperidade, pela saúde de vossas esposas, pelo futuro de vossos filhos e para que Deus conserve a paz, em nossa grande e querida Pátria.